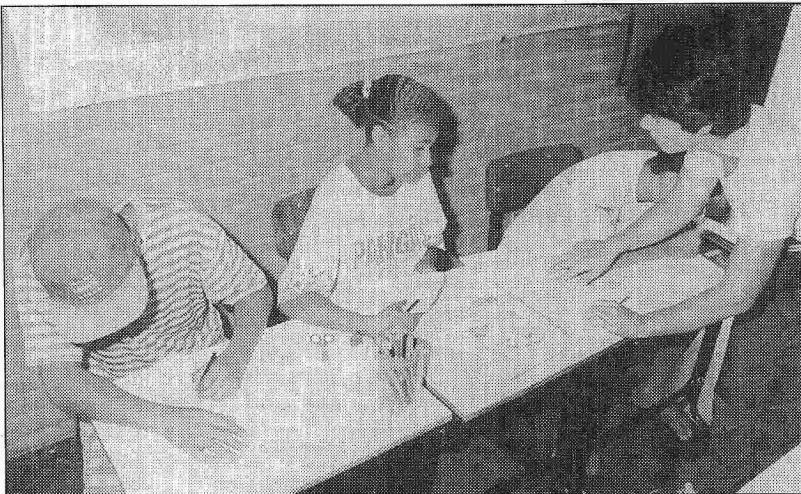


Educação e auto-estima abrem perspectivas

Os motivos que os levam às ruas podem variar, mas as centenas de garotos que perambulam por Brasília sofrem do mesmo mal: a falta de perspectivas e oportunidades. Uma esperança aparece, porém, na Escola de Meninos e Meninas do Parque, que oferece a eles uma chance de obter um mínimo de educação e auto-estima. Conscientes disso, os garotos vão, voltam, somem por um tempo, mas acabam sempre alimentando o vínculo com a Escola.

Nas aulas, existem três tipos de alunos: os que vivem nas ruas da cidade, os que após freqüentarem a escola durante algum tempo foram reintegrados à família e os que moram na Casa Aberta, abrigo do Governo do Distrito Federal. Como a rotatividade é muito grande, a direção da escola mantém um quadro indicando onde cada menino se encontra. As opções são um retrato da realidade desses adolescentes: Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje), Casa Aberta



ESCOLA do Parque: crianças aprendem a partir de um tema

e moradias alternativas.

Edson (os nomes dos adolescentes foram trocados para protegê-los), 16 anos, estuda há um ano e meio na Escola do Parque e é um dos garotos que ainda moram na rua. Matriculado na Fase I, ele diz gostar de escrever e desenhar. Mais do que o estudo, porém, o que conquistou o garoto foi o carinho da equipe da Escola. "Os professores daqui são muito legais, nos dão atenção, gostam da gente. E se a gente faz

algo errado, em vez de brigar, eles nos ajudam", relata.

Cola

Alojado em um "mocó" — como eles chamam os locais onde se concentram à noite —, no Sudoeste, Edson passa o dia na Escola do Parque e volta para rua depois das aulas. É a Escola que, segundo ele mesmo conta, o deixa "limpo" (sem drogas) o dia inteiro. "Agora, eu só cheiro cola à noite, quando estou no mocó.

Antes, quando eu não vinha para cá, passava a tarde inteira cheirando, admite.

Fernanda, 16 anos, está na escola há uma semana e já vai ser transferida para a Fase I. Vinda do Piauí, a adolescente chegou a Brasília há dois anos, trazida por uma amiga da família, que lhe prometeu emprego. A promessa de emprego não se confirmou e Fernanda acabou na rua. Depois de algum tempo e muitas histórias, foi morar com uma amiga e ganhar dinheiro como "avião" (intermediário entre o usuário e o traficante de drogas). Juntas, usavam e vendiam drogas (merla e maconha, basicamente) e chegaram até a roubar.

A chance de voltar a estudar e se recuperar apareceu quando Fernanda estava no fundo do poço. Sem dinheiro para o aluguel e brigada com a amiga, ela encontrou um dos alunos da Escola do Parque, que a levou para conhecer o lugar. Hoje, mora no barraco dele, que cobra apenas que ela se mantenha sem drogas e freqüente as aulas. "Não penso mais em fazer besteiras, porque já aprontei muito. Quero melhorar e, enquanto tiver estudo para mim, vou ficando aqui" (P.L.)